

ÉPICA

EXCERTOS DO POEMA

VILA RICA

Canto VI

Levados de fervor, que o peito encerra
Vês os Paulistas, animosa gente,
Que ao Rei procuram do metal luzente
Co'as próprias mãos enriquecer o erário.
Arzão é este, é Este, o temerário,
Que da Casca os sertões tentou primeiro:
Vê qual despreza o nobre aventureiro,
Os laços e as traições, que lhe prepara
Do cruento gentio a fome avara.

A exemplos de um contempla iguais a todos,
E distintos ao rei por vários modos
Vê os Pires, Camargos e Pedrosos,
Alvarengas, Godóis, Cabrais, Cardosos,
Lemos, Toledos, Pais, Guerras, Furtados,
E os outros, que primeiro assinalados
Se fizeram no arrôjo das conquistas,
O grandes sempre, ó imortais Paulistas!
Embora vós, ninfas do Tejo, embora
Cante do Lusitano a voz sonora
Os claros feitos do seu grande Gama;
Dos meus Paulistas honrarei a fama.
Eles a fome e sede vão sofrendo,
Rotos e nus os corpos vêm trazendo,
Na enfermidade a cura lhes falece,
E a miséria por tudo se conhece;
Em seu zelo outro espírito não obra
Mais que o amor do seu rei: isto lhes sobra.

Canto VIII

Eulina, que nas graças não receia
Competir co'a deidade que o mar cria,
De transparente garça se vestia,
Toda de flores de ouro matizada:
A cabeça de pedras tem toucada,
Deixando retratarem-se as estrelas
Em seus olhos; tão ricas, como belas
Muitas ninfas em roda a estão cercando,
Nas lindas mãos nevadas sustentando
Os tesouros, que oculta e guarda a terra.
(Tristes causas do mal, causas da guerra!)
Niseia em uma taça oferecia
Um monte de custosa pedraria,
Em que estão misturados os diamantes,
Co'as safiras azuis, e co's brilhantes
Topázios co's rubis, cotas esmeraldas,
Que servem de esmaltar essas grinaldas,
De que as ninfas do rio ornam a frente.
Em outra taça de metal luzente
Copioso monte apresentava Loto
Por extremo formosa; desde o roto

Seio do rio o louro pó juntara;
Dele costuma usar Eulina clara
Para dar novo lustre a seus cabelos:
Parece que a fadiga dos martelos
Batera o mesmo pó coalhado ao fogo,
Pois deixada esta taça e olhando logo
Para outra, que Licondra na mão tinha,
Nela de barras mil um monte vinha,
Em que o divino pó se convertera.

Canto IX

..... a antiga história
Desta árvore eu a guardo de memória
Desde a primeira vez, que um índio velho
Encontrei nos sertões; e de conselho
Saudável quis que eu fosse socorrido.
Nestes montes me conta que nascido
Fora um mancebo; Blásimo era o nome
Que a corrupção do tempo em vão consome,
De Bálsamo guardando inda a lembrança.
Este tão destro em sacudir a lança,
Como em matar às mãos o tigre ousado,
Da formosa Elpinira namorado,
E seguro no cetro, que mantinha
De trinta aldeias, que a seu mando tinha,
A demandava esposa: disputava
Argante um tal amor; a grossa aljava
Dos ombros lhe pendia, e sempre em guerra
Fumar fazia a ensangüentada terra.
Elpinira, que causa se conhece
De tanto estrago, entre ambos se oferece
A dar a mão ao que a ganhasse em sorte,
(Por que caminhos não buscava a morte!)
Convêm os dois rivais, e o pacto aceito
Um dos dias do ano tem eleito
Em que o seu Paraceve festejavam.
Branças e negras pedras ajuntavam
Em uma concha; e em roda juntos todos
Ao grande ato concorrem, vários modos
Inventam já de bailes, jogo e dança,
Coroando cada um sua esperança.
Preside às sortes o bom velho Alpino,
Pai de Elpinira, e rei: vem o ferino
Argante; pés e mãos tendo cercado
De verdes penas, onde amor firmado
Traz o presságio da vitória: a frente
Blásimo adorna de um lourel florente,
Que tecem muitas rosas animadas
De suavíssimo cheiro: estão sentadas
Várias índias, cercando em torno a bela
Elpinira, orna a testa uma capela
De rosas, e folhetas pendem de ouro
Das orelhas; por tudo um triste agouro
Respirou: muitas árvores tremeram,
Os pássaros do dia se esconderam,
Só os da noite sussurrar se viram.
Juram, dando-se às mãos os dois, e tiram
Cada qual sua pedra; a branca expunha
Sorte feliz; a negra testemunha

A perda da consorte; está jurado
Sofrer com paz, o que não for premiado.
Blásimo vence; Argante se retira,
E simulando a dor, geme, suspira.
Viva Blásimo, dizem: logo as vozes
A Argante vão ferir, e tão atroz
Passam a ser as fúrias em seu peito,
Que desde aquele instante faz conceito
De vingar sua dor, roubando a glória
Ao mesmo, que o privara da vitória.

Com rosto disfarçado quer contudo
Lograr o golpe; um meditado estudo
Lhe lembra a ocasião, o sítio e a hora
De banhar toda em sangue a mão traidora:
Eu, diz Argante, eu devo entrar em parte
Nas vossas glórias, todo o esforço dar-te,
E do engenho porei, por que se veja
Que cedo alegre, e não me arrasta a inveja.
Na minha aldeia, e entre os meus povos quero

Festejar vossas núpcias; nela espero
Dar-vos provas do gosto e da alegria,
Que me sabe trazer tão fausto dia.
Ali de firme paz e de aliança
Farei novo concerto e da vingança
Cederá de uma vez o vil projeto
(Ó dura força de um mentido afeto!)
Aceita Alpino: Blásimo é contente,
E Elpinira também, que já presente
Crê a ventura, que esperara ansiosa.
Três dias pede Argante, e a insidiosa
Idéia lhe propõe um torpe meio
De executar o dano sem receio.
Manda alimpar a estrada, funda cava
Faz abrir no mais plano, que abarcava
Ambas as margens; desde o centro ao alto
Mete a aguçada estaca, e quanto falto
De terra está, cobre de ramo brando;
Sobre ele moles folhas vai deitando,
Que a mesma terra estaipa, e já figura
A superfície igual, e limpa e pura.

Chega a terceira aurora; desde a aldeia
Alegres vêm saindo, e os lisonjeia
Argante, tendo em frente aparelhado
Do lugar da traição o costumado
Baile, com que na paz se festejavam
De muitos dos seus índios: já pisavam
A estrada os dois amantes: o pai vinha
De um lado, e de outro lado da mão tinha
Blásimo presa a idolatrada esposa.
(Que triste vista, que ilusão faustosa!)
Todos diante vêm; este o costume
É da nação, nem teme, nem presume
Algum dos três, e ainda o povo todo
A urdida morte por tão novo modo.

Com Argante, e seus índios se avistavam,
Em vivas desde longe se saudavam.

Infelizes (que dor!) as plantas punham
Sobre a coberta cava, e já supunham,
Que os braços ao amigo se estendiam,
Quando passados os seus peitos viam
Das aguçadas farpas: volta Argante
Colérico, soberbo e triunfante
Sobre os desprevenidos que acompanham
Sem armas ao seu rei: todos se apanham
Presos das mãos das emboscadas; morrem
Imensos índios; a fugir recorrem,
Mas a gente, que às costas lhe ficava,
O resto, o infeliz resto destroçava.

Já mortos os três índios lançam terra
Sobre os seus corpos; uma urna encerra
O mísero despojo: o Céu procura
Vingar o grave horror; da sepultura
Vê-se brotar uma árvore, que verte
Cheiroso sangue: o caso se converte
Em fabulosa história; e se acredita
Que Blásimo, a quem segue esta desdita
Das mesmas flores, de que a testa ornara,
E do seu sangue a cor, e o cheiro herdara
E que o Céu testemunhos multiplica,
Multiplicando os troncos; assim fica
A tradição nos nacionais guardada;
O índio, que me conta a dilatada
História, diz-me então, que mal segura
É sempre a fé, que o inimigo jura.

Canto X

Entanto o pátrio gênio lhe oferece
Por mão de destro artífice pintadas
Nas paredes as férteis, dilatadas
Montanhas dó país, e aqui lhe pinta
Por ordem natural, clara e distinta
As diferentes formas do trabalho,
Com que o sábio mineiro entre o cascalho
Busca o loiro metal; e com que passa
Logo a purificá-lo a escassa
Tábua ou canal do liso bulinete;
Com que entre a negra areia ao depois mete
Todo o extraído pó nos lígneos vasos,
(Que uns mais côncavos são, outros mais rasos)
E aos golpes d'água da matéria estranha
O separa e divide; alta façanha
De agudo engenho a máquina aparece,
Que desde a suma altura ao centro desce
Da profunda cata, e as águas chupa.

Vê-se outro mineiro, que se ocupa
Em penetrar por mina o duro monte
Ao rumo oblíquo, ou reto; tem defronte
Da gruta que abre, a terra que extraíra;
Os lagrimais das águas, que retira
Ao tanque artificioso logo solta;
Trazida a terra entre a corrente envôlta
Baixa as grades de ferro; ali parados
Os grossos esmeris são depurados,

Deixando ao dono em prêmio da fadiga
Os bons tesouros da fortuna amiga.

Entre serras estoutro vai buscando
As betas de ouro; aquele vai trepando
Pelo escabroso monte, e as águas guia
Pelos canais, que lhe abre a pedra fria
Não menos mostra o gênio a agricultura
Tão cara do país, aonde a dura
Força dos bois não geme ao grave arado;
Só do bom lavrador o braço armado
Derriba os matos, e se ateia logo
Sobre a seca matéria o ardente fogo.

Da mole produção da cana loira
Verdeja algum terreno, outro se doira;
O lavrador a corta, e lhe prepara
As ligeiras moendas; ali pára
O espremido licor nos fundos cobres:
Tu, ardente fornalha, me descobres,
Como em brancos torrões é já tornado
A estímulos do fogo o mel coalhado.

O arbusto está, que o vício tem subido
A inestimável preço, reduzido
A pó sutil o talo e a folha inteira
Não menos brota a oriental figueira
Com as crescidas folhas, e co' fruto,
Que inda nos lembra o mísero tributo,
Que pagam nossos pais, que já tiveram
A morada do Eden, e não puderam
Guardar por muito tempo a lei imposta
(Ó natureza ao Criador oposta!)

Os pássaros se vêem de espécie rara,
Que o Céu de lindas cores emplumara,
As feras e animais mais esquisitos;
Todos no alegre mapa estão descritos;
Os olhos deleitando, e entretendo
O herói, que facilmente está crendo,
Ao ver, que destra mão dar-lhes procura
A vida, que lhes falta na pintura.